



SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA: AVANÇOS, DESAFIOS E O PAPEL DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA NA DEMOCRATIZAÇÃO DO CUIDADO

CAROLINA DE MORAES FRANCA; RAMON FRAGA DE SOUZA LIMA

RESUMO

A saúde mental, historicamente negligenciada no Brasil, passou a ocupar um papel de maior relevância nos últimos anos, especialmente após o impacto da pandemia de COVID-19. A crise sanitária intensificou o aumento dos casos de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, e evidenciou a necessidade urgente de fortalecimento da assistência na Atenção Básica, principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). Este estudo tem como objetivo analisar os avanços e desafios no cuidado em saúde mental no âmbito da Estratégia de Saúde da Família, com ênfase nas práticas inovadoras que ampliam o acesso e a qualidade do atendimento, como a telemedicina e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão sistemática de 17 artigos publicados nos últimos dez anos, com foco em guias de prática clínica e na integração entre níveis de atenção. Os resultados indicaram avanços significativos no acesso, com destaque para a telemedicina, que promoveu a continuidade do cuidado durante a pandemia, e as PICS, que favorecem abordagens humanizadas e centradas no paciente. No entanto, persistem desafios, como a capacitação inadequada dos profissionais, a sobrecarga de trabalho nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e a dificuldade de articulação com serviços especializados, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Conclui-se que a Atenção Básica tem um papel central na democratização do cuidado em saúde mental, sendo essencial investir em políticas públicas robustas, formação contínua e infraestrutura adequada para garantir um modelo de atenção sustentável. Evidenciando assim, o princípio de equidade ao acesso à saúde pública no Brasil.

Palavras-chave: Assistência à saúde mental; atenção primária à saúde; telemedicina; práticas integrativas; equidade em saúde.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das redes sociais, diversos temas passaram a ter maior visibilidade e tornaram-se objetos de discussões que extrapolaram o âmbito social, adquirindo força política, culminando em projetos de lei e medidas que promovem pautas específicas. No campo da saúde mental, o cenário não foi diferente: especialmente no contexto da pandemia, intensificaram-se as discussões sobre o aumento no número de casos de transtornos psicológicos e psiquiátricos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde é definida como o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doenças. Contudo, mesmo com o reconhecimento dessa definição abrangente, as patologias de caráter emocional foram historicamente negligenciadas. No Brasil, país que, até há poucas décadas, tratava pacientes psiquiátricos em manicômios com práticas desumanizadas, o cuidado com a saúde mental ainda é, muitas vezes, tratado como secundário em relação a outras comorbidades, como hipertensão e diabetes.

Nesse contexto, a pandemia e as discussões promovidas nas redes sociais impulsionaram a curiosidade e a necessidade de debate sobre o acesso à assistência em saúde mental e os espaços de integração (MORAES, R. C. P. & CASTRO-SILVA, C. R., 2016), como

os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). O aumento no número de casos de sofrimento psíquico, já existentes anteriormente, foi notável nas redes de atenção básica. Isso evidenciou a necessidade urgente de capacitação e acompanhamento dos profissionais da Estratégia de Saúde da Família (DE REZENDE, M. A., 2017), que desempenham papel essencial no acesso ao tratamento de transtornos mentais. Por vezes, a implementação da tecnologia de telemedicina (RODRIGUES et al., 2022), regulamentada e ampliada no contexto pandêmico, foi meio de aproximação e afirmação da relação médico-paciente.

Toda essa Reforma Psiquiátrica pôde ser moldada pelo cuidado humanizado (COSTA, F. R. M. et al., 2015), que se baseia nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), um conjunto de práticas e conhecimentos tradicionais centrados no paciente (MURICY et al., 2022). Sobretudo, ressaltando a promoção, prevenção, manutenção e recuperação da saúde. Dessa forma, torna-se fundamental superar os estigmas e lacunas históricas, garantindo a democratização do acesso por meio da descentralização e regionalização dos serviços.

Este presente estudo tem como objetivo realizar um acompanhamento e uma síntese dos avanços registrados nas redes de atenção básica no que se refere à saúde mental. Pretende-se destacar a atenção básica como uma ferramenta indispensável para a ampliação do acesso aos cuidados em saúde mental, apresentando as medidas adotadas para a expansão dessa assistência. A partir da análise de trabalhos recentes que abordam a intersecção entre saúde mental e atenção básica, este estudo colabora com atualizações sobre as estratégias utilizadas para enfrentar os desafios desse setor.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo, de caráter qualitativo, foi desenvolvido na base de dados LILACS, utilizando os descritores “assistência à saúde mental”, “atenção primária à saúde”, “telemedicina”, “práticas integrativas”, “equidade em saúde”, por meio do operador booleano “AND” exclusivamente no idioma português. Foram selecionados artigos publicados nos últimos dez anos, com ênfase em guias de prática clínica e tendo a saúde mental como tema central, totalizando 17 trabalhos analisados. O recorte temporal de uma década mostrou-se essencial para compreender a evolução das ações voltadas à saúde mental no âmbito da atenção primária. A escolha por guias de prática clínica justifica-se pelo foco deste estudo em práticas efetivas de assistência, sendo esse critério determinante para os filtros aplicados na pesquisa. Foram excluídos artigos que não atendiam aos critérios de inclusão, como trabalhos pagos, em outros idiomas ou publicados fora do período estabelecido.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados os 17 artigos selecionados, os quais revelaram uma evolução significativa no acesso à saúde mental por meio das redes de atenção primária, especialmente no contexto de práticas integrativas e tecnologias de cuidado. Observou-se um maior investimento na integração de ações, como a ampliação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) (MURICY et al., 2022) e a implementação da telemedicina (RODRIGUES et al., 2022), que contribuíram para reduzir barreiras geográficas e fortalecer a integralidade do cuidado.

A telemedicina, por exemplo, foi identificada como um recurso estratégico durante períodos críticos, como a pandemia de COVID-19 (RODRIGUES et al., 2022). Estudos destacaram sua eficácia no acompanhamento de pacientes com transtornos mentais, promovendo continuidade e proximidade no cuidado, mesmo em situações de isolamento social. Isso demonstra a relevância de incorporar ferramentas digitais no modelo de atenção básica.

As PICS, por sua vez, ganharam relevância por promoverem uma abordagem humanizada e centrada no sujeito, favorecendo o vínculo entre os pacientes e as equipes de

saúde. A “Cartilha de Recomendação aos Serviços Primários” foi amplamente citada nos artigos estudados como um direcionador para a implementação dessas práticas (MURICY et al., 2022), sendo especialmente útil no suporte a pacientes com quadros leves e moderados. Serviços como acupuntura, homeopatia, fitoterapia/plantas medicinais, medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia puderam ser anexados à medicina tradicional oferecida.

Entretanto, a análise também trouxe à tona desafios persistentes. A falta de capacitação contínua das equipes e a sobrecarga de trabalho nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) foram questões recorrentes nos artigos (SANTOS et al., 2020), evidenciando a necessidade de reforçar estratégias educacionais e de suporte aos profissionais. Além disso, as dificuldades em articular a atenção básica com os serviços especializados (YAMAGUTI et al., 2019), como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), apontam para a necessidade de maior integração entre os níveis de atenção.

Em consonância com isso, constatou-se que o cerne da barreira ao acesso à saúde mental na rede de atenção primária encontra um de seus pilares nas práticas de apoio matricial (COSTA, F. R. M. et al., 2015). Isso ocorre porque, embora seja um espaço de intersecção entre o profissional generalista e as especialidades, promovendo a integralidade, o apoio matricial só ganhou notoriedade e a reorganização recentemente. Os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) são o principal exemplo dessa mudança (YAMAGUTI et al., 2019), na medida em que estabelecem o diálogo entre profissionais de diferentes setores do cuidado.

Adicionalmente, os estudos sugerem que o aumento na demanda por serviços de saúde mental, especialmente após o impacto da pandemia, não foi plenamente acompanhado pela expansão estrutural e de recursos nas redes de atenção básica (DAMOUS, I.; ERLICH, H., 2017). Assim, fica claro que, apesar dos avanços, ainda há lacunas que limitam o alcance das estratégias desenvolvidas. Esses achados reforçam o papel crucial da atenção básica como porta de entrada para o cuidado em saúde mental e indicam a necessidade de consolidar os progressos por meio de políticas públicas robustas e investimentos em infraestrutura e formação. A evolução das práticas observadas aponta para a construção de um modelo mais integrado e resolutivo.

4 CONCLUSÃO

O estudo demonstrou como a atenção básica tem potencial para transformar o cuidado em saúde mental no Brasil, integrando práticas inovadoras e fortalecendo o vínculo entre usuários e serviços. Iniciativas como a telemedicina e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) apontam para um caminho em que a humanização e a tecnologia caminham juntas, promovendo acessibilidade e cuidado integral.

Mais do que avanços técnicos, o que se observa é uma mudança de paradigma: a saúde mental, historicamente marginalizada, começa a ocupar um espaço mais central nas políticas públicas. Contudo, ainda há muito a ser feito para consolidar esse progresso. É necessário ultrapassar os desafios estruturais e culturais, como o estigma associado às doenças mentais e a sobrecarga das equipes de saúde.

Este trabalho reforça a importância de priorizar a formação continuada dos profissionais e de fomentar a integração entre os diferentes níveis de atenção. A atenção básica tem um papel estratégico, não apenas como porta de entrada, mas como eixo articulador de um modelo de cuidado que promova equidade e dignidade no atendimento.

Assim, o fortalecimento das redes de atenção primária representa não apenas uma resposta às demandas atuais, mas também um investimento em um futuro mais inclusivo e acessível para a saúde mental no Brasil. A continuidade desses esforços, alinhada ao compromisso ético e à inovação, será essencial para consolidar uma abordagem sustentável e centrada no ser humano.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA BARBOSA, V. F. et al. O papel da atenção primária de saúde na constituição das redes de cuidado em saúde mental The role of primary attention in health on the constitution of the network care in mental health. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 9, n. 3, p. 659–668, 2017.
- BEZERRA, G. P.; MORENO NETO, J. L. Tecituras do cuidado: a Saúde Mental cartografada na Atenção Primária. *Interface*, v. 25, 2021.
- COSTA, F. R. M. et al. Desafios do apoio matricial como prática educacional: a saúde mental na atenção básica. *Interface*, v. 19, n. 54, p. 491–502, 2015.
- CRUZ, N. F. DE O.; GONÇALVES, R. W.; DELGADO, P. G. G. Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019. *Trabalho Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, 2020.
- DAMOUS, I.; ERLICH, H. O ambulatório de saúde mental na rede de atenção psicossocial: reflexões sobre a clínica e a expansão das políticas de atenção primária. *Physis (Rio de Janeiro, Brazil)*, v. 27, n. 4, p. 911–932, 2017.
- DE CASTRO SILVA, P. M. et al. Saúde mental na atenção básica: possibilidades e fragilidades do acolhimento. *Revista CUIDARTE*, v. 10, n. 1, 2018.
- DE JESUS LIMA, A. M. contribuição da estruturação da atenção primária à saúde segundo seus atributos essenciais para a qualidade da assistência em saúde mental: um estudo a partir do PMAQAB, 2021.
- DE REZENDE, M. A. Caminhos do cuidado: uma análise da formação do currículo em saúde mental, crack, álcool e outras drogas para o agente comunitário de saúde e auxiliares e técnicos de enfermagem. [s.l.] UERJ, 2017.
- MESQUITA, L. Sistematização da assistência de enfermagem em saúde mental na atenção básica - contribuições da sociopoética. 2019. 70 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) - Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói: [s.n.].
- MORAES, R. C. P. DE; CASTRO-SILVA, C. R. DE. Sentidos e Processos Psicossociais envolvidos na Inclusão pelo Trabalho na Saúde Mental. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 36, n. 3, p. 748–762, 2016.
- MURICY L. A., et al. Implementação do cuidado em saúde mental com a abordagem das PICS na Atenção Primária. *Revista de APS*, p. 70–89, 2021.
- RODRIGUES, T. F. C. DA S. et al. Perspectivas para o Uso Da telemedicina no atendimento DE saúde mental Na atenção primária. *Enfermagem em Foco*, v. 13, n. spe1, 2022.
- SANTOS, F. F. DOS; FERLA, A. A. Saúde mental e atenção básica no cuidado aos usuários de álcool e outras drogas. *Interface*, v. 21, n. 63, p. 833–844, 2017.
- SANTOS, J. C. G. DOS et al. Acolhimento aos pacientes com necessidades de saúde mental na perspectiva dos profissionais da Atenção Primária a Saúde de Iguatu-CE. *Revista de APS*,

v. 23, n. 3, 2021.

TARMA, G. F. Reformulação da assistência em saúde mental em uma unidade básica de saúde de Juiz de Fora (1997-2001) / Mental healthcare reformulation in a Basic Health Care Unit of Juiz de Fora (1997-2011). [s.l: s.n.].

YAMAGUTI, C. A. Grupos de reflexão sobre a produção do cuidado: uma estratégia de aproximação entre Saúde Mental e Atenção Básica no município de Itapevi - SP, v. 20, n. 1, p. 132-138, 2019.

YAMAGUTI, A. C., S. E. M. L. M. Grupos de reflexão em Saúde Mental: possibilidade de interlocução entre a Saúde Mental e a Atenção Básica no município de Itapevi – SP, v. 20, n. 1, p. 132-138, 2019.